

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

DA COMPOSIÇÃO CCCXXVII DAS CANTIGAS DE SANTA MARIA, DE AFONSO X.

FALCÃO, José António; FERREIRA, Jorge M. Rodrigues

Ano: 1986 | Número: 96

Como citar este documento:

FALCÃO, José António; FERREIRA, Jorge M. Rodrigues, Da composição CCCXXVII das cantigas de Santa Maria, de Afonso X. *Revista de Guimarães*, 96 Jan.-Dez. 1986, p. 181-186.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Da Composição CCCXXVII das *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X

Por JOSÉ ANTÓNIO FALCÃO (*)
JORGE M. RODRIGUES FERREIRA (**)

As *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X (1221-1284), constituem um importante repositório de informações para o conhecimento da história do culto mariano em Portugal, designadamente no Alentejo. Nesta colectânea foram reunidos elementos sobre milagres respeitantes a diversos santuários transtaganos consagrados a Nossa Senhora, como é o caso de Terena, Estremoz, Évora e Monsaraz (1). Entre tais núcleos de devoção encontramos ainda um mais meridional, nunca investigado, e de Odemira, referido na composição CCCXXVII, alusiva a um acontecimento extraordinário aí realizado pela Virgem (2).

Este texto, intitulado «Como Santa Maria guariu o crerigo que se lle tornaram as pernas atras porque fez ùs panos mēeores dun pano que furtou de sobelo altar», começa, exactamente, por precisar a localidade onde se verificou o sucesso:

«Onde, se m'oyr quiserdes, | daquesto vos contarei
un milagre mui fremoso | que fez a Madre* do Rey
Jhesu-Crist' en Odimira, | como vos ora direi» (3).

A história do milagre foi recolhida, segundo a própria poesia, da lição oral, provavelmente transmitida por romeiros (4). Integra-se num ciclo temático de prodígios efectuados por Maria com o objectivo de demonstrar a natureza sagrada e

(*) Director do Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja.

(**) Membro Correspondente do Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja.

(1) V. MÁRIO MARTINS, *Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média*, 2.ª ed., Lisboa, 1957, pp. 72-76 e 78-86.

(2) AFONSO X, O SÁBIO, *Cantigas de Santa Maria* (= C. S. M.), ed. de WALTER METTMANN, III, Coimbra, 1964, pp. 189-190.

(3) C. S. M., vol. cit., p. 189.

(4) Cfr. MÁRIO MARTINS, *op. cit.*, p. 75.

inviolável do seu património, que tem de ser conservado e honrado como símbolo do próprio poder da Padroeira (5). Tais actos materializam-se, como acontece na cantiga que estudamos, em advertências punitivas contra os que, por incredulidade ou destemor, não respeitando o carácter sobrenatural da Mãe de Deus, suscitam a sua intervenção (6).

Considerando o interesse dos dados que constam da fonte mencionada para o estudo da veneração de Nossa Senhora na área odemirense, coligimos neste trabalho as notícias que se conhecem para a identificação provável do templo citado pelo Monarca de Leão e Castela. Sublinharemos que, se se exceptuarem as parcas indicações adiante aduzidas, a historiografia regional não carrou quaisquer materiais conducentes ao esclarecimento da questão agora por nós abordada. Tem ela, assim, permanecido ausente dos estudos locais. O tópico do milagre, que se associa ao mesmo edifício, nunca registado na bibliografia da zona, mereceu, porém, a Mário Martins uma sumária referência (7).

*
* *
*

A povoação denominada Odemira, que o Rei Sábio referiu, é, com certeza, a vila do mesmo nome situada no Baixo Alentejo (8) e pertencente, na actualidade, à diocese e distrito de Beja. A história medieval da terra está por

(5) Certa mulher piedosa ofereceu a Santa Maria um pano de boa qualidade, medindo cerca de uma vara, e colocou-o (como toalha?) no altar da igreja. O tecido, dadas as suas características, foi ilegítimamente apropriado por um clérigo que com ele mandou confeccionar uma peça de roupa interior, «com que cobriß' ende | o con que ya peccar» (C. S. M., *id.*, *ibid.*). Quando se deitou, já com ela vestido, a Virgem castigou-o com uma espécie de paralisia. O eclesiástico, tolhido de dor, teve medo de morrer e implorou à Senhora que o salvasse. Esta atendeu a súplica, depois do público arrependimento e de uma acção de prece em conjunto com os seus (fregueses?), tendo sido o altar coberto com um «gran pano de lenço» (C. S. M., *id.*, p. 190).

A dádiva da mulher pode ser interpretada como constituindo o cumprimento de uma promessa, isto é, um ex-voto, ou simples oblação gratulatória. Apesar destas manifestações serem diversas (V. CARLOS LOPES CARDOSO, «Painéis Gratulatórios Portugueses», em *Primeira Exposição Nacional de Painéis Votivos do Rio, do Mar e do Além-Mar*, Lisboa, 1983, pp. 3-4), em ambos os casos os objectos dedicados são tidos como intocáveis. Entende-se, assim, a gravidade da ofensa. O refrão, aliás, confirma esta interpretação:

«Porque bem Santa Maria | sabe os seus dões dar,
muito per faz gran folia | quen lle vai o seu furtar».

(C. S. M., *id.*, pp. 189-190)

(6) O conceito moral da cantiga está presente no fragmento:

«E potende, meus amigos, | quen este miragr' oyr
nunca seja atrevudo | ena Virgem desonrrar».

(C. S. M., *id.*, p. 190).

(7) MÁRIO MARTINS, *op. cit.*, pp. 75 e 85-86.

(8) Cfr. C. S. M., IV, Coimbra, 1972, p. 210.

fazer e é muito pouco o que se sabe acerca da sua situação no século XIII. Consoante as averiguações que temos levado a efeito, esta parece ter sido, na sequência da reconquista cristã, um centro urbano activo, sede militar e administrativa de um amplo tracto de economia essencialmente agrícola, dotada de assinalável importância estratégica, devida à localização em zona um tanto elevada que permite dominar larga extensão do rio Mira. Terá funcionado também como ponto fulcral de passagem da rede de transportes da área, não só terrestres como fluviais, o que explicaria a sua aptidão comercial. Foi, outrossim, um núcleo religioso influente, relacionando-se isto, decerto, com os factores que descrevemos.

São bastante explícitas as informações que aparecem na cantiga indicada acerca do caso ocorrido em Odemira, nomeadamente sobre o edifício do santuário. Afonso X referiu, na segunda estrofe deste texto, um templo antigo de invocação mariana que localizou no exterior do povoado:

«...hũa eigreja sua, | feita des mui gran sazón,
que está fora da vila, | assi com'oy contar» (9).

Na composição observa-se ainda que, para além do milagre relatado, se tinham verificado, pela mesma época, muitos outros eventos prodigiosos em tal sítio:

«u ela fez ende muitos | outros en aquel logar» (10).

Depreendemos do presente passo que seria a igreja, ao tempo, um foco devocional de relevo.

Levantam-se algumas dificuldades, compreensivelmente, para a identificação deste santuário da Mãe de Cristo, por ser desconhecida documentação sobre o assunto. Tomando como fundamento os dados fornecidos pela poesia do Rei Sábio, as investigações que levámos a efeito permitem considerar três templos de culto mariano em Odemira: Senhora da Guia, Santa Maria e Senhora da Piedade. Sendo a povoação constituída por duas paróquias, cujos oragos são o Santíssimo Salvador e Santa Maria, é na última que aqueles se situam.

A capela edificada em data mais recente, sob a protecção de Nossa Senhora da Guia, numa das colinas da vila, remonta a sua fundação apenas ao ano de 1664 (11). Está, por conseguinte, afastada do nosso exame.

No que diz respeito à igreja paroquial de Santa Maria, cujo título moderno é o da Assunção, sabemos que ela é muito antiga, figurando já num rol de rendimentos da diocese de Évora em 1320-1321 (12). O edifício primitivo foi, contudo, profanado e demolido em 1835, passando a matriz para a igreja do convento franciscano de Santo António que, de resto, está no território da paróquia

(9) C. S. M., III, p. 189.

(10) *Id.*, *ibid.*

(11) Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Diccionario Geographico de Portugal*, XXVI, 4, p. 45.

(12) V. FORTUNATO DE ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, IV, 2.ª ed., dir. de DAMIÃO PERES, Porto-Lisboa, 1971, p. 136.

do Salvador (13). Não conhecemos com rigor a área onde se localizou inicialmente. Os vestígios de que há memória através da transmissão oral, todavia, levam-nos a supor que, na época de Afonso X, estivesse situada dentro do circuito da vila, não coincidindo, portanto, com as indicações do texto que analisamos. Mas a possibilidade de ser este o santuário referido nas *Cantigas* só pode ser definitivamente afastada por intermédio dos elementos que uma sistemática análise arqueológica da área urbana medieval de Odemira e seus contornos venha a fornecer.

Existe, por fim, a ermida de Nossa Senhora da Piedade. Teve ela assento, primordialmente, na várzea da margem sul do Mira, à esquerda da estrada que segue para São Teotónio, separada do corpo central da vila pelo rio. Ficava, pois, a alguma distância do que parece ter sido o núcleo do povoamento medievo da terra. Este sítio foi abandonado no século XIX, depois da construção de raiz numa pequena altura adjacente, durante o último quartel dessa centúria, de um edifício mais vasto. A substituição compreende-se, talvez, pela proximidade do curso de água, facto este que podia implicar a inundaçãõ do templo, na contingência de cheias. É de admitir, também, que se tivesse buscado um complexo com melhores condições para o culto, devido à situação e à vetustez da estrutura antiga (14).

Do monumento primitivo restam apenas, nos dias de hoje, alguns sectores muito alterados e adaptados a uso profano, de datação indeterminada. Pode colocar-se pertinentemente, em nossa opinião, a hipótese de que estas ruínas resultem, elas próprias, da reconstrução de um santuário anterior existente naquele lugar ou, até, da edificação de um templo novo que o teria suprido, implicando ou não uma mudança de localização.

À semelhança do que ocorre com outras ermidas de invocação mariana da região de Odemira, nada se sabe de concreto sobre a origem da de Nossa Senhora da Piedade. O desconhecimento hodierno, aliás, tem a sua precedência, pois a tal respeito observara já o prior de Santa Maria, João Teodósio Cordeiro Pereira, na *Memória Paroquial* de 1758, aludindo àquela capela e à de São Sebastião: «naõ tive noticia de quem as fundase» (15).

Convém notar que, apesar da falta de elementos, é costume, na área, atribuir ao edificio arruinado uma origem muito remota. Persiste a tradição, mencionada

(13) AUGUSTO SOARES D'AZEVEDO BARBOSA DE PINHO LEAL, *Portugal Antigo e Moderno* [...], VI, Lisboa, 1875, p. 202, col. B.

(14) Cfr. *id.*, *op. cit.*, p. 203, col. B:

«Na beira da mesma estrada [...], e proximo á barca, está a capella de *Nossa Senhora da Piedade*. É vasta, com um bello retabulo, de excelente talha, onde está a padroeira; com a qual todos os povos das visinhanças, e ainda de longe, tem particular devoção.

A capella está bastante damnificada, em razão do pouco zêlo do seu administrador, que é o parochio da freguezia de Nossa Senhora da Assumpção, da villa, pois, sendo em alguns annos o producto das esmolas á Senhora, de 150\$000 réis (sem que esse rendimento seja incluido na congrua do parochio), e tendo a imagem algumas joias de ouro, se podia muito bem restaurar a capella. O parochio limita-se apenas, a fazer uma festa insignificante, á Senhora, em 8 de Setembro, para receber as esmolas dos devotos».

(15) *Diccionario Geographico de Portugal*, vol. cit., loc. cit.

por Pinho Leal conforme as notas que lhe enviou o professor do ensino primário e estudioso local José de Mattos Reis Júnior, de que o santuário é antiquíssimo (16). Podemos relacionar este parecer com o facto de o Rei Sábio ter observado, ao tratar da igreja de Odemira, que esta era «feita des mui gran sazón», o que mostra a sua antiguidade.

Sem excluirmos de todo a matriz de Santa Maria, como ficou dito, é para as ruínas daquela ermida da ribeira do Mira, não obstante a indefinição presente acerca da sua exacta cronologia, que convergem as nossas conclusões para a identificar (ou ao edifício que a terá precedido na mesma zona) com o templo mencionado por Afonso X.

A invocação moderna da capela — Nossa Senhora da Piedade — não constitui, de forma alguma, um obstáculo à confirmação do reconhecimento que apontámos. É sabido que nos finais da Idade Média, especialmente no período quatorcentista, se verificou uma crescente tendência para a multiplicação dos títulos da Virgem. Esta realidade, que reflecte o incremento da sua devoção, deve-se, por certo, ao paralelismo vigente na época entre as denominações de Cristo e de Maria. Carlos Alberto Ferreira de Almeida escreveu a tal propósito o seguinte: «A partir dos princípios do século XVI Santa Maria só se mantém em nomes tópicos anteriores e as designações da Virgem desenvolvem-se em paralelo com as de Cristo. Como exemplos citamos Senhor e Senhora da Agonia, Senhor e Senhora da Piedade, Senhor e Senhora do Desterro, Senhor e Senhora das Dores, Senhor e Senhora das Almas, etc.» (17). Julgamos que é muito provável que tenha acontecido um desenvolvimento similar no santuário de Odemira. O Padre António Carvalho da Costa inseriu já a sua designação actual no tomo correspondente da *Corografia Portuguesa*, editado em 1708 (18).

Esta igreja tem sido um apreciável centro de culto, demandado por grande concurso de crentes. Acerca do tema é muito clara a *Memória Paroquial* de 1758. Respondendo ao quesito décimo terceiro do inquérito que lhe foi enviado pelo organizador do *Diccionario Geographico*, o Padre Cordeiro Pereira chamou a atenção para a existência, na ermida «sita / da parte dálem do rio», de «hũa devotissima imagem da dita Senhora» (19). É a mesma que, como se supõe, continua a ser venerada com muito fervor na capela nova. Em complemento àquela notícia,

(16) AUGUSTO SOARES D'AZEVEDO BARBOSA DE PINHO LEAL, *op. cit.*, *loc. cit.*:

«Segundo a tradição é um santuario antiquissimo; mas não se sabe mais nada, nem o *Sanctuario Mariano* (*) o menciona».

(*) AGOSTINHO DE SANTA MARIA, *Santuario Mariano, E Historia das Imagês Milagrosas de Nossa Senhora* [...], I-X, Lisboa, 1707-1723.

(17) CARLOS ALBERTO FERREIRA DE ALMEIDA, «O Culto de Nossa Senhora, no Porto, na Época Moderna. Perspectiva Antropológica», em *Revista de História*, II [Actas do Colóquio «O Porto na Época Moderna», I], pp. 164-165; *id.*, «Religiosidade Popular e Ermidas», em *Studium Generale. Estudos Contemporâneos*, VI [Actas do Seminário sobre Religiosidade Popular], Porto, 1984, p. 77, n. 7.

(18) ANTONIO CARVALHO DA COSTA, *Corografia Portuguesa, e Descripçam Topografica do Famoso Reyno de Portugal* [...], II, Lisboa, 1708, p. 498.

(19) *Diccionario Geographico de Portugal*, *vol. cit.*, p. 44.

informou ainda no número imediato: «Á Ermida da Senhora da Piedade, concorrem os // devotos em romarias em todo o anno, segundo as suas necessidades, com algumas oblações em penhor do seu agradecimento. [...] a sua conservação, he a / expensas dos fieis; e algum tenue rendimento *que* tem a Senhora da Piedade, com este se conserva com to/do o aceyo» (20).

Durante o século XIX a devoção da Senhora da Piedade foi muito viva, tendo-se mantido as romagens e os pedidos e acções de graças, incluindo a oferta de ex-votos e outras dádivas. A fim de se determinar a linha de evolução da religiosidade da mesma área, é importante investigar a matéria na dupla perspectiva do passado e do presente, incluindo o problema da eventual aquisição ou perda de cambiantes.

Comprovando-se a proposta de identificação que apresentamos verifica-se, assim, a continuidade — ininterrupta ou não — de um culto mariano em Odeira, desde os tempos de Afonso X até hoje.

Beja, Janeiro de 1984.

(20) *Id. ibid.*, pp. 44-45.